

DO OUTRO LADO DO BIOMBO

Ruth Lee Na Revista Touch 1 [Contato 1]

Ridícula! Era assim que me sentia. Nem sequer sabia o nome da mulher do outro lado do biombo e, tampouco, podia vê-la. No entanto, conversávamos de maneira bem íntima.

Minha mãe, semiconsciente devido a um derrame, estava em uma cama da enfermaria, e do outro lado do biombo havia uma desconhecida, que a enfermeira chamava de Claudine.

O médico nos recomendou que ficássemos com a mamãe e falássemos com ela para estimulá-la.

Claudine, do outro lado do biombo, respondia a todas as perguntas que eu fazia a minha mãe.

- Você está me ouvindo, mamãe?

- Estou sim, querida. Consigo ouvi-la - respondia Claudine.

- Eu amo você, mamãe!

- Que bom, querida! Eu também amo você! - dizia ela.

Uma enfermeira me disse que Claudine tinha uma doença terminal, um tumor cerebral que a estava matando aos poucos.

Extremamente deprimida, ela chorava a maior parte do tempo.

Alguns dias ficava fora do ar e não conseguia falar. Mas não demorou muito para eu perceber que em outros dias ela recuperava o controle parcial de seu raciocínio. Quando estava bem, ela me perguntava sobre seu filho que morava muito distante e não podia visitá-la com frequência. Conversávamos sobre a fazenda dele e os cachorros que tinha ali.

- Cachorros de caça! - dizia Claudine. - Beagles, bons para caçar coelhos selvagens. Nos momentos difíceis, Claudine, lançava o telefone no colo e implorava que telefonássemos para os velhos amigos dela.

- Será que você poderia discar o número para mim? - perguntava ela.

No entanto, devido ao esquecimento causado pelo tumor, ela não se lembrava dos números de telefone dos parentes e amigos.

Então, sem a menor hesitação, eu discava o número do hospital, que sempre estava ocupado.

- Veja, está ocupado! Você pode tentar mais tarde! - eu dizia.

Após verificar que estava ocupado ela conseguia descansar.

A enfermeira daquele andar começou a perceber meu envolvimento com Claudine e me disse:

- Se ela estiver lhe causando muito transtorno posso transferi-la.

- Não se preocupe comigo, deixe-a aí!

Até mesmo minha mãe, agora muito mais forte e sem necessidade de tanta atenção, achou que eu estava me envolvendo d,'mais com Claudine, que a cada dia estava mais fraca.

- Ela precisa de minha amizade - expliquei, e elas não poderiam negar a verdade contida nessa afirmação.

- Você vai se machucar - avisou-me a enfermeira. - Por que você acha que os familiares ficam distantes?

Eu sabia que ela não se referia apenas a Claudine, mas a todos os pacientes terminais sob seus cuidados.

Um dia, no entanto, o filho dela veio visitá-la. O menino da Claudine. Ela, contudo, foi sedada um pouco antes de ele chegar ao hospital, e só conseguiu segurar a mão do filho e chorar. O rapaz chorou sem reservas.

Puxei o pano do biombo, para que ele tivesse privacidade.

Quando o horário de visita terminou, beijei a testa de minha mãe para despedir-me dela e, ao atravessar o quarto, tomei uma decisão.

- Bruce?! - perguntei. - Você é o Bruce?

- Sou! - respondeu-me. - Mas como você sabe?

- Sei muitas coisas a seu respeito - disse-lhe. - Sei sobre a sua fazenda, suas aspirações e seus sonhos! - disse-lhe e sorri ao perceber seu espanto.

- Conheço até seus cães, os beagles. Um deles chama-se Dolly, e o outro Cookie.

- Mas, como? - perguntou-me perplexo.

O rapaz olhou para aquela mulher toda retorcida sobre a cama.

- Ela não fica sempre nesse estado - disse-lhe. - Há momentos em que ela tem recordações alegres.

Sabia o que ele queria ouvir, portanto finalizei:

- Você conseguirá visitá-la, Bruce, e ela certamente o reconhecerá da próxima vez que vier.

As lágrimas inundaram seu rosto. Abri meus braços, e ele se apressou a aconchegar-se neles.

Já não me sentia mais ridícula. Aconchegar em meus braços e confortar um estranho parecia ser a coisa mais natural do mundo.

Estender a mão e compartilhar com os outros é algo que sempre nos reserva boas recompensas.